

o repórter.

Semanário das grandes reportagens



O drama dos anuncios—Aspectos inéditos da Estigmatizada de Lamego—A última amante de Eça de Queiroz—O homem misterioso do Hotel Francfort—etc., etc.

Na Figueira da Foz

A historia duma concordata

Afinal quem são os pecadores? — Dr. Lino Pinto faz ao Reporter X, algumas declarações de alto interesse sobre o caso

Publicamos ha semanas uma informacão referente a uma concordata da Figueira da Foz, su linhamos a palavra informacão para a distinguirmos de reportagens. Não foi pois, um caso que o Reporter X interceptasse pela sua T. S. F., que investiga-se pelos seus reporteres e lançasse como assunto seu. Era um caso policial, que oferecia, tal como estava apresentado, certos imans de interesse jornalístico e que a grande imprensa desprezava, não sabemos porque. Lembramo-nos comentar as declarações policiais e assim como existem erros de justiça temos de admitir a existencia de erros jornalísticos — ou vice-versa. Recebemos do Dr. Lino Pinto, patrono do comerciante focado, uma carta que, pelos seus termos e pelo seu interesse (vem completar embora discordando, o primeiro artigo) nos merece o melhor acolhimento. Neste jornal nunca se atara por dogma ou por odio nem se defende por amizade ou fitos inconfessaveis. E dito isto — eis a carta.

Figueira da Foz: 29 do 3 de 1932

Ex.^{mo} Snr. Director do «Reporter X» — Encontrando-me hoje nesta cidade, no exercicio da minha profissão, o acaso fez-me chegar ás mãos o numero do seu jornal de 25 do corrente, onde, numa lousa sob a epigrafe «A HISTORIA DUMA CONCORDATA», se faz m injustas accusaçõs sobre um comerciante estatielecido com fama e nesta cidade. Nesta local, ou'ta-se o nome da pessoa visada, mas, p los pormenores e detalhes da sua narrativa, não é necessario grande esforço para se saber de quem se trata. Sobretudo num meio social tão pequeno como e este, onde, ha, como em toda a parte, senhores, cocuillheiros e senhoras viúvas.

Como sou advogado do deshe honrado e pobre comerciante, e sempre pr no a b ter me p l sua honra em todos os campos dê-me V. Ex.^a licença que eu venha a sua presença, para lhe dizer apenas isto:

Compreendo bem, que V. Ex.^a nem sempre

pode controlar as informações que lhe dão, momente, quando é grande a distancia que o separa do local onde os factos se passam. Já fui jornalista, e tambem director dum jornal, e portanto sei, por experiencia propria, como estas coisas succedem. Devo comunicar a V. Ex.^a que o caso da concordata, a que se refere a dita local, e tá affictos aos tribunais, e que é pelos meios judiciais, e só por estes, que legal e momente pode e deve fazer-se toda a opposição e defesa sobre a referida concordata, que só aqueles podem apreciar e julgar. Isto basta, para que eu me imponha sobre o assunto o maximo silencio.

Não pensamos assim os directores do meu constituinte, o que é j. sinal patente de que não é a boa e recta justiça que eles pretendem, mas sim o discreditado f. fam. de do meu constituinte, seja por que processo for. O meu constituinte, só porque cometeu a b. e diggação de não querer privilegiar nenhum dos seus credores, em prejuizo dos demis, isso valheu-lhe que a quem jurasse fazer, contra ele, uma guerra seu

dó nem quartel, por todos os modos e em todos os sectores. Só por isto e nada mais. E será isto motivo para o accusar, ou, antes, para enalcecer? V. Ex.^a que se propoz, fazer atravez do seu jornal, uma desinlecção social, limpando esta pobre sociedade de respeitaveis e valheiros que não passam de respeitabilissimos tratantes, e, aqui e ali, alguns ha que bem preziam do seu estilete, entendendo eu que o seu jornal não deve precipitar se no caso sujeito, sem que primeiramente se informe bem sobre a verdade profunda dos factos, para bem apurar de que lado é que estão os homens bons e os maus.

Posso mais assegurar-lhe, por forma absoluta, que o meu constituinte é um homem de bem, pertencente a uma familia que só tem tido tambem por divisa a pratica do bem, mesmo para com aqueles que só mal mereciam. E' certo que V. Ex.^a não me conhece pessoalmente, mas tem facilidade de saber ahi quem sou, para poder avaliar, prontamente, do peso e valor moral das perentrias afirmações que atráz lhe deixo. E, isto posto, faça V. Ex.^a o que a sua honesta consciencia lhe aconselhar, porque por hoje, infelizmente, não posso nem dev. ir mais longe, porque m'o impede o respeito que devo á n. i. i. a profissão. Se V. Ex.^a entender, por sua boa consciencia e lealdade, que deve publicar esta no seu jornal, muito penhara o advog do signatorio, que e De V. Ex.^a etc.,

Lino Pinto

Prefiram sempre as canetas EAGLE

O PORTO TRAGICO O Fatalismo do Palacio dos Carrancas

Nos fins do seculo XVIII vivia na Rua dos Carrancas, hoje R. da Liberdade o snr. Luiz de Almeida Moraes, pessoa de avantajada fortuna e proprietario duma fabrica de galões d'ouro com privilegio, que caducou em 1834. Seus dois filhos Manoel Mendes de Moraes e Castro e Isidoro de Moraes e Castro ambos capitães de milicias, e conhecidos pelos Carrancas não pelo aspecto fisonomico de qualquer deles, mas simplesmente pelo nome da rua em que moravam.



Beresford

Em 1795 mandaram construir aquele palacio que em 1861 foi vendido por 30 contos a D. Pedro V. Nele estieram hospedados os generais Beresford, Wilson, Wellington e o principe d'Orangs. Soult tambem ali residiu. Em 26 de Abril de 1809 flutuava á doce viração desse lindo dia primaveril a bandeira tricolor, e Soult, ladeado pelo general Quiesnel e auditor Thoboureaux, seus ajudantes, o capelão-mór, D. José Valerio Veloso, esperava no salão nobre pelo cortejo de varios representantes da cidade que lhe iam pedir que se dignasse aceitar o trino de Portugal. O desembargador Frederico de Almeida Correia talou ao marchal apresentando-lhe os votos de fidelidade e affecto da população, bem como a petição para que acitasse o reino. Soult agradeceu respondendo em francès, fazendo uma especie de programa de governo quando subisse ao trono com o nome de Nicolau I. Mas mal entrou no Palacio começou o declinio do ambicioso general.

O Palacio dos Carrancas, antiga casa da Torre da Marca passou a denominar-se real

em 12 de Abril de 1862. As fatalidades succedem-se. Neste palacio endoicceram o desembargador da relação do Porto Manoel Borges da Silva, e Luis Moraes Castro e suicidou-se em 1839 o dr. Antonio Joaquim Ferreira juiz de Fora em Santa Maria de Penaguão. Em 22 de Outubro de 1862 visita o Porto o então principe Umberto da Italia sobrinho de D. Maria Pia que mal entra no já fatidico Palacio, adoce gravemente pelo que esteve entre a vida e a morte. No dia em que o Palacio foi vendido a D. Pedro V, dá-se um tremor de terra no Porto, acompanhado de trasbordamento do mar.

D. Luis chamava-lhe o «Mausoleu dos Carrancas». D. Carlos que era um espirito superior e avesso a superstições, tinha pelo Palacio Real do Porto uma certa aversão, não sabemos com que fundamento. Seu irmão D. Afonso evitava as vindas ao Porto pois não gostava da Bastilha Portuense, como lhe chamava.

Que fatalismo envolve o velho Palacio? Porque seria que a Cruz Vermelha não aceitou a oferta que lhe fizeram para lh'o cederm? Porque é que a Associação Medica Lusitana igualmente, recusou equal oferta, pela Casa de Bragança? E certo que as suas paredes, duma espessura e altura invulgares, infunde um misto de respeito e receio que não sabemos a que attribuir. Salões que são enormidades, humidos e frios, o soalho carunchoso e deneigrado parecem aliados com o fim de nos afugentar. O que é certo é que a morte e a loucura giram a sua volta como maldições eternas! — G. C.

O juiz Ramalho que se suicidou no Palacio fatidico



“GARANTIA”, COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)
Capital integralizado Es. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode offerir maiores vantagens: o seguro de vida ob. dice á matematica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Com. aucta, e neste ponto, a «GARANTIA», tem a escuda á seu passado.

SÉDE
Rua Ferreira Borges, 37—PORTO (EDIFICIO PROPRIO)
DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Baucaria Souza, Cruz & C. a. L. da
DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Juliao, 63 a 71 (EDIFICIO PROPRIO)

A ultima amante de Eça de Queiroz

Quem é a "vamp" que ronda de noite a estatua do Largo de Quintela?



Todo o homem que tem a noção absoluta da vida—e estes são em número tão reduzido...—adora a realidade, embora ela seja, como em geral é, dura e crua.

A época dos sonhos, dos grandes mergulhos no azul límpido e sereno, já foi vivida, e sua vida foi grande, tão grande que morreu de velha... Dessa época—paraíso perdido no mundo bruto da vida resta sómente a recordação—sorriso que nos faz viver um passado delicioso... , mas perdido, irremediavelmente perdido...

Todo o homem que escreve deve ser fiel á verdade do assunto de que vai tratar. Fóra deste princípio esse homem sonhou. Seu sonho poderá ser uma maravilha, mas não passa de fantasia...

Muitas vezes—e eles são tantos, tantos!...—existe o erro motivado pela falsa informação colhida, mas, nesse caso há a atenuante da pouca sorte...

Nós estamos na época da realidade, e sendo a literatura a vida, não podemos, sem quebra da verdade, fugir de focar os assuntos de que nos vamos ocupar, cunhando-os com a indispensável nota real, embora ela vá, por um princípio falho de logica, ofender a moral dos homens...

Quando por dever do officio, tenho de relatar uma cena vivida, ponho de parte a ideia de poder, com minha análise crua mas verdadeira, ofender os falsos preconceitos que o homem criou para viver uma moral proveitosa, e traço-a sempre rudemente, tal qual a presenciei ou me contaram, servindo-me sempre da verdade—condição primeira que deve alimentar a pena do jornalista.

E' usando dessa verdade que eu vou levar ao conhecimento das gentes mas caso bastante interessante, doentio sem duvida, mas que não deixa de ser uma nota vibrante e uma revelação curiosa, por se tratar dum caso raro de amor mórbido.

Não fui testemunha do que passou. Limito-me sómente a relatar o que um amigo me contou.

«Há anos—não posso frisar com exactidão a data—vinha eu, aí pelas 4 horas

da madrugada, na companhia duma elegante vulgar, que o caso colocou á minha beira naquela noite de estroinice, descendo o Chiado, quando notei que uma senhora trajando com rara elegancia, se apeou dum automovel, e começou, com passo agitado, a subir a rua Garrett. Caminhava só e tão distraida eu preocupado ou que não deu pela nossa presença.

«Causou-me admiração ver uma mulher nova, com um tipo distinto, largar um comodo automovel e lançar-se a pé rua acima. Aquela hora não me pareceu natural que uma mulher tivesse pra'zer em abandonar um «auto» para passear seus ocios pelo Chiado há muito deserto. Se fôsse uma pobre com o tipo característico de inferioridade, não me causaria admiração, porque essas tristes, depois das fadigas de muitas horas pela baixa na degradante profissão do comercio do seu corpo, roídas pela fome, lançam-se, desnorteadas, por essas ruas fóra, em busca dum noctívago generoso... que lhes mata a mata a fome e troca dum amor—martirio. Mas não. Aquela mulher abandonava um automovel de luxo e não tinha o aspecto da infeliz que procura o dinheiro com que se compra amor.

«A minha gentil companheira, uma infeliz também, matou, em parte, minha curiosidade. Essa amabilidade lhe devo.

—Aquela mulher que V. ali vê, anda há muito á procura da propria sombra. E' uma desgraçada.

—Como?

—E' doida. Ama coisas impossiveis. Nós, as da «vida», conhecemo-la pela «dama misteriosa». Dizem que é seria e de boas familias.

«Quiz que me desse pormenores sobre a sua personalidade, mas nada consegui».

«Durante o caminho, que me pareceu longo, muito longo, fui magicando naquelas palavras extranhas, que—porque não dizê-lo?—começaram a cheirar o mistério. Imediatamente resolvi erguer uma das pontas do manto que envolveu o mistério da «dama misteriosa».

«No dia seguinte, ás 4 h. da madrugada, já eu me encontrava, occulto, no Chiado, aguardando a chegada da «dama misteriosa». Não se fez d-morar muito. Desceu do automovel—exactamente o mesmo da vespera—deu uma ordem, em voz baixa, ao chauffeur, e começou a trepar a rua Garrett. A' distancia ocultando-me o mais possivel, e, para isso, favoreça-me a pouco, pouquissima iluminação que há anos existia, fui seguindo a silhueta galante, beijada por um luar enfraquecido, mas que mesmo assim me deu a felicidade de

poder olhar aquele pescoço alvo e bem lançado, suporte duma cabecinha amada por cabelos loiros, dum loiro brilhante, que o chapéu, o ingrato chapéu, só deixava ver em parte. Aquela mulher, alta e esbelta, embora vista de relance, pareceu-me bela e muita nova. Quem seria?—preguntei á minha curiosidade, á minha indomavel curiosidade.

«Seguindo-a sempre, foi-me dado observar que só a «dama misteriosa» ajoelhou, lá no cimo, nos degraus da Igreja, e esteve seguramente dois minutos, que me pareceram dois séculos!, a rezar. Quei—que pecados não enchem aquela vida, para uma mulher, a horas mortas, estar pedindo a Deus seu perdão...

Escondido, mas sempre espreitando, olhos presos naquela sombra curvada, eu tive a dolorosa impressã de que ella sofria, sofria uma das desconhecidas por este mundo, mundo de escarneo de egoismo feito, mas que a torturava a tal ponto de a obrigar, nas horas dos longos silêncios amigos, longe dos olhares cubicços dos homens, a rogar a Deus seu perdão e seus favores. Talvez—deze mesmo ser certo—sejam felizes todos aqueles que acreditam nas mercês de Deus.

A sombra ergueu-se. Espalhou, em redor, um olhar investigador, e não vendo ninguém recomeçou a sua jornada. Dobrou a esquina e rua do Alecrim abaixo foi pisando. E eu, sempre álferta, mordido pela curiosidade, cauteloso fui também, caminhando. Ela chegou ao Largo do Barão de Quintela e parou. De novo seus olhos fitaram a rua e de novo nada viram. Eu estava, nesse momento, bastante exposto, mas ella não me vira. Esteve silenciosa e quêda, um momento a contemplar a estátua do nosso Eça de Queiroz. Depois, com passos hesitantes, aproximou-se mais da estatua.

O grande romancista, imovel, cheio de silencio, contemplava, serenamente, aquela nudez maravilhosa da sua eterna amante: a mulher que desfalecida nos seus

(Conclue na pag. 15)



Mal desembarquei na gare de S. Bento, três amigos que o acaso levava ali, me desfleixaram, a mesma profecia: «Já sei o que vens fazer! Vões à «Estigmatizada de Lam g»! Grande reportagem! Cá a esperamos, no «X» da proxima semana!»

Um pouco aturdido pelo imprevisto, pela coincidência—e sobretudo pela ignorancia do que se passava, sorri-me com o mais enigmatico dos sorrisos, um sorriso que significava: «Advinhaste mas não digas a ninguém!»—e inal me pilhei sosinho com o meu redactor portuense—inqueri que reportagem era aquela que vinha fazer ao Norte... sem saber. Contaram-me então o que os diários haviam já badalado aos quatro ventos; e na opinião do meu camarada e dos que me escutavam—o caso estava auroloado de grande misterio—e merecia uma jornada ate Lamego... Refleti um pouco, antes de responder... Depois telegrafei para Lisboa «que folheassem o meu arquivo e que me enviassem uma reportagem que realizei em Fafe, em meados de 1926—»; e, a seguir, entrando num livreiro comprei certo volume, encadernado a vermelho, occultando-o na algibeira. «Final quando partes para Lamego?»—quize saber o meu companheiro, já um pouco desorientado...

«—Já fui... e já voltei!» respondi, fleugmatico; e, como fosse a protestar—esclareci-o: «O livro que comprei e a velha entrevista que mandei vir de Lisboa equivalem a uma reportagem «sur-place» e fornecem me uma serie de dados ineditos e sensacionais sobre o assunto que a viagem nunca poderia trazer-me!»

Vive-se numa época que recorda certos períodos medievais, em que as aparições mais surprevedentes e os milagres mais pasmosos arriscavam-se a banalisar-se se a Igreja, num fanatismo insaciavel e avaro, não os impuzesse às cegas, como dogmas... A Senhora de Fatima marca o inicio dessa época; e desde então os fenomenos atribuidos à vontade Divina (emprego a palavra fenomeno sem a menor ironia) multiplicam-se a Portugal de um modo notavel. Bem sei que a Alemanha, em Leipzig, em Nuremberg; na Italia, em Piamonte e na Sardenha; que a Espanha, em Castelon e em Arenys del Mar—também registam a aparição de Virgens Sagradas e milagrosas ou de pobres mulheres estigmatizadas e miraculadas—mas não com a mesma frequência nem com a mesma abundancia... E—detalhe importante, se na Idade Media a Igreja impunha e acolhia, esses milagres sem hesitações nem duvidas; se, entre nós e nos nossos dias, existem ateus que curvam silenciosamente a cabeça ante esses fenomenos e os medicos se confessam rendidos e impotentes para os diagnosticarem, dentro dos conhecimentos scientificos—à Igreja moderna, na melhor das hipoteses, afasta-se e cala-se; mas na maioria dos casos resiste a acerta-os ou protesta e nega-se a atribui-los a uma manifestação especial da vontade Divinal. Quantos levou a Igreja a sancionar o milagre de Fatima? E mesmo agora no caso de Lamego, não é só a aliude reservada, quasi incredula do sacerdote que recolheu a «Estigmatizada»; é o silencio rigid dos chefes da Igreja, silencio que aparenta quasi hostilidade...

Extranho paradoxo!

O caso de Lamego está demasiadamente divulgado para que eu roube espaço ao que inedito desejo revelar, occupando-me das minucias desse misterio. Maria da Conceição que está ha um ano ao serviço de Monsenhor Ribeiro de Almeida, sofria de hemoptizes! Cansada de sofrer, peregrinou a pé, até Fatima supplicando da Virgem a cura dos seus males! O milagre deu-se; nunca mais aquelas golphadas de sangue a vieram torturar; mas—diz ela agora—«Nossa Senhora quiz castigar-me por eu não ter resignação e deu-me outro mal pior!» Em que consiste esse mal? Todas as sextas-feiras (é sempre às sextas-feiras, como as outras estigmatizadas conhecidas no estrangeiro ou na Historia) umas chagas que lhe mancham a carne e que correspondem às qde ulceraram o co po de Cristo, no Calvario, começam por gotejar, ao mesmo tem-

Aspectos ineditos da estigmatizada de Lamego

Que tem cinco Chagas, como Cristo e que sextas-feiras sangram com abundancia

Uma reportagem imparcial—A religião catolica—Os homens de Fafe e a Soror Maria da Visitação que em 1588 se disse estigmatizada confessando depois que orlava os incantos

po que ela se convulciona numa angustia allitiva, gemendo, contorcionando-se, num misto de suprema dor fisica e de transe de medium, acabando por sangrar numa abundancia tal que após a crise, os medicos pasmam por sentirem o seu coração latejar ainda!

Espalha-a a noticia, longas filas de curiosos ou de crentes se encaminham para a casa do Conego, ansiosos os primeiros, de constatar o fenomeno—ou de o negar, zumbando; tremulos de fé nalgum milagre divino, os ultimos. A fama da estigmatizada circulo vertiginosamente, e se Lamego e o Norte inteiro sitia o seu leito, de Lisboa e até das provincias do extremo sul embarca gente apressada com rumo ao mesmo misterio! Um comerciante do Porto, e a esposa e a cunhada, teem passado horas, ajoelhados a seus pés, rezando e supplicando não sei que empenho para os Ceus! Os me licos rebatem hipoteses científicas e confessam a sua ignorancia—como que afirmando uma certeza, que só por pudor, não esclarecem... O Conego, protector da pobre mulher, aparenta pelo menos querer furtar-la a especulosidade e exhibicionismo e, ao contrario dos medicos, não ousa insinuar sequer a sua confiança num milagre... E ela, a miraculada, antes e depois dos transe é a primeira a negar santidade, e julgar-se merecedora daquele tormento—com o castigo bem ganho. E bem ganho, porque? «Eu fui pedir a Nossa Senhora que me curasse das hemoptizes e ela deu-me em troca outro sofrimento maior!» Mas desde já confesso não a julgar santa—pelo menos de santidade ganha pelo espirito. De contrario não admitia a sacrilega hipotesese que no Ceu houvesse quem castigasse os, que cheios de fé, supplicam o balsemo da sua Misericórdia rasgando cinco chagas como prego da chaga que sarou!

Seja como for—a celeuma crepita, como um incendio! Dum lado o fanatismo cego, apressado, sófrego; do outro o negativismo sistemático irracional, ou balofo. De Castro Daire, o correspondente dum jornal portuense, conta que, o ano passado, a «Estigmatizada de Lamego» esteve presa por ter furtado, escondido e negado um par de sapatos. Equivoco? Calunia? E' possível—embora o informador oferecer certa confiança e fornecer dados de facil confirmação. Possível é também que seja outra, a pecadora de Castro Daire—e que se trata duma homonima! Mas se não é assim—como explicar, nã hipótese de milagre, a escolha justa para tal estigmatização—havendo tantas almas puras e generosas que nunca furtaram sapatos? Reabilitação pelo arrependimento? Se muito merece quem se arrepende dos seus pecados—mais digno de premio será quem não tem pecados graves para se arrepender...

Vejamos agora o recorte da minha velha reportagem que de Lisboa me enviaram. A «Santinha de Fafe»—que ela foca e que eu visitei em 1926—teve também a sua época, com a chagada de multidos de peregrinos, vindos de todo o país—«até de Lisboa»—e de todas as classes—até «damas fidalgas» e o lecto do seu quarto regista centenas de promessas, premiados por inumeros cachos de uvas, que nela dependuraram e secaram ou apodreceram—intactas! Também a «Santinha de Fafe» foi discutida, levantou celeumas, irritou ateus, entusiasmou fanaticos. Qual o seu milagre? Não como nem bebe ha não sei já quantos anos—nem o seu organismo funciona, como funcionam todos os organismos humanos que recebem alimento... E como se não tivesse aparelho digestivo... Vive numa cela miseravel, entre uma visinhança atenta que a vi-

gia, estirada numa especie de catre, esqueletica até ao macabro, as carnes ulceradas, gemendo dores, e lamentando o seu destino—ao mesmo tempo que declara que foi nosso Senhor que assim quiz e que só ele a libertará, um dia, do seu sofrimento! Acolheu-me de mau-humor; e quando o reporter fotografico que me seguia tentou retrata-la, encolerisaram-se, num histérico violento, expulsando-me, trancando a unica porta do seu casebre com uma beugala que manobrou do leito, sem se levantar—e num gesto preambular que aparentava a ameaça duma agressão corporal. «Agora, está assim fechada por dentro, dias e dias, recusando abrir a porta seja a quem for!»—informou-me uma visinhança.—A «Santinha» não tolera certas coisas e como tem aquele genio, coitada, zanga-se muitas vezes...»

Paradoxal caracter—para uma miraculada—este de facil colera e de frequentes crises de misantropia agreste! Mas não foi só este detalhe o que me pasmou! Um sacerdote de Fafe que entrevistei a seguir—disse-me: «Não creio na santidade dessa mulher nem que o seu fenomeno, se o é (punha-o em duvida e depois explicou porque) seja uma manifestação de agrado divino—ou milagre como se diz em teologal! O seu passado e o seu presente não me convencem... Alem disso, a Igreja só pode medir essa santidade pela frequência dos sacramentos... Ora essa mulher raramente se sacramenta—podendo facilmente pedir-nos a nós para o fazermos, pois não ignora que o faríamos quantas vezes o quizesse!» E como sucede agora em Lamego, varios medicos, medicos sem fama de beatos—e um nem de crente—garantiam-me a autenticidade do fenomeno, o seu misterio inalcancavel pela ciencia, a impossibilidade de um diagnostico, ou duma justificação a dentro dos conhecimentos atuais da medicina...

Houve quem me insinuasse a existencia de «trucs», de refeições introduzidas secretamente no casebre, de noite, e de cúmplices maquiavelicos—e o sacerdote entrevistado era dos que não negavam com firmeza essa hipotesese. E entre o muito que escutei—ouve, sobretudo, uma confidencia que se fixou na minha memoria ao que parece, a «Santinha de Fafe» tinha sido, na juventude, operaria duma fabrica dos arredores; e uma noite, de regresso ao lar, caiu em pleno campo, longe de todo o auxilio, atacada pelas dores do parto—dando à luz, horas depois, e sobre a neve que cobria o campo, uma criança. Se este episodio é verdadeiro—é muito possível que as circunstancias deste acidente tivessem produzido no organismo da desditosa mulher, um efeito desconhecido pela ciência—e desconhecido porque a ciência nunca se tivesse oferecido outro identico...

Entendamo-nos! Esta reportagem não objectiva polemicas negativistas em absoluto. Se os teologos sinceros e eruditos tivessem afirmado categoricamente que a Santa de Fafe ou de Lamego eram insosfismaveis milagres—esperava-me por principio, o floretear a minha opinião contra a ciencia dos teologos. Mais: se não tivesse razões que me obrigassem a discutir o caso; e se não quizesse encara-lo sob o ponto de vista religioso, ou antes, catolico—colocá-lo-hia no terreno teosofico e é possível que dessa deslocação resultassem conclusões emocionantes. Evocaria, por exemplo, o caso que li, ha anos, nas memorias de um medico militar inglês, com longos serviços na India.

Certo fakir, mais de casta, caira no desagrado de um rajah tirano que o mandou matar, inquisitoriando-o primeiro. Os verdugos, encar-

regados dessa execução, capricharam na obra, golpeando lentamente o peito e as costas antes que os seus punhos acertassem com o coração. Passados meses num banquete a que assistia o citado medico, o rajah sentiu-se gravemente indisposto: e, perdendo os sentidos, viram que a sua camisa de seda se avermelhava... Desnudado o peito constataram tantas feridas quantas os verdugos tinham rasgado no peito do fakir e que todas elas sangravam, o que provava que eram recentes. Contudo, nenhum dos presentes vira qualquer agressão nem o proprio rajah—(declarou-o depois) sentira que o tivessem ferido! O medico usou de todos os recursos da ciência para o salvar—elas a tudo resistiram durante três horas que correspondiam as da agonia do fakir! Depois, quasi instantaneamente secaram, fechando. Mas todos os três meses reabriram pela mesma forma misteriosa—até que o tirano, alucinado de terror e de remorso, se suicidou!

Os teosofistas podiam explicar, estou certo, dentro das suas teorias, todos esses fenomenos. Mas ladeando a teosofia, não encontram o suficiente santidade no passado destas estigmatizadas ou miraculadas, que as possa entronisar na Igreja—e a propria Igreja não tenta faz-lo—forçoso é encarrar a hipótese... natural. Do caso de Fafe—já narrei o episodio do parto, ao abandonar, sobre a neve... No de Lamego, os medicos encolhem os hombros, sorriem, abrem os olhos, e confessam-se impotentes. Existe a «kemofilia» cujos sintomas se podem confundir com esta «estigmatização», embora até hoje, os casos observados não sejam tão «sistematisados» (aparecendo em dias certos nem tão estilizados (aparentando cinco chagas...)). Mas esta enfermidade horrivel, especie de permialidade exagerada no aparelho circulatório que produz, à menor causa, hemorragias que difficilmente se estancam, acabando sempre os doentes por se exgotarem numa das crises; enfermidade essa que é hereditaria e transmitida pelas femeas embora estas não sejam por ela atacadas (só os varões é que sofrem as suas fatais consequencias) parecia monopolio das familias reais, especie de tributo dinastico. A esposa de Nicolau II da Russia, sendo absolutamente sã, e tendo as suas filhas, igualmente sãs, recebido a mesma herança do que ela—transmitiu, o unico filho—ao desditoso «tzarovitch» essa fatal molestia; e a pobre criança, até à morte, estava continuamente a sangrar, hoje dum braço, amanhã dum ouvido, depois dum pé... A rainha de Espanha, belo tipo de mulher saudavel, e como sua mãe, uma transmissora da terrivel fatalidade; as suas filhas também—embora lindas e frescas como flores orvalhadas pela manhã—e por isso nenhum príncipe as quer para esposas... mas o herdeiro do trono, lá está: sempre em cabra cega com a morte, devilo à molestia herdada...

Esta hipotesese já foi encarada por alguem—mas os medicos riram-se dizendo que era exclusivo das familias reais. E porque não há-de os plebeus sofre-la também ou até na doença existem fronteiras sociais infranqueaveis? A lepra é a ma's plebeia das molestias e já houve varios soberanos leprosos! Além disso—se ela ataca de preferencia as familias reais—parece provado que essa preferencia é consequente das constantes e seculares sobreposições de sangue, ou seja a estreiteza de parentesco gemo ao incesto!

Em 1588, em plena dominação espanhola, o Duque de Medina Sidonia, general da armada invencivel, eio a Lisboa expressamente para pedir a uma freira do convento da Anunciação para benzer a bandeira que devia trapejara o sol

mam mais biliosas pela inveja e as outras freiras, depois de espreitarem a estigmatizada, a denunciaram como impostora. Por varias vezes o arcebispo de Lisboa e outros príncipes da Igreja alarmados por uma denuncia, interrogam; mas ela confirma os seus estigmas com energia e tal rigor e minucia de *mise-en-scene* que seria necessario muito espaço para o reproduzir. Mais: deixou-se examinar—mas que não existam duvidas sobre as suas chagas. Mas era sexta-feira—a prioriza, sob ordens dos inquisidores, exigiu novo exame... Ela exhibiu as chagas que pareciam sangrar; mas lavando-as com um sabão forte e limpando a carne a uma toalha de linho as chagas e os cravos e as espinhas e o sangue desaparecem, e a carne ficou limpa e a toalha suja. Estava descoberto o embuste! Obrigada a confessar declarou que tudo era mentira, que nunca tivera visões, que as chagas eram pontadas, que as gotas de sangue eram feitas com o seu sangue e outros *trucs* engenhozos. E tudo para saborear aquela gloria de santidade!

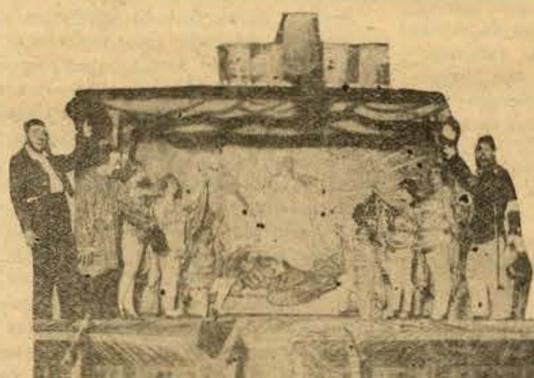
Não julguem os senhores que esta *historia... historica* me foi contada por qualquer ateu desejoso de perturbar os espiritos medrosos!

Frei Luis de Sousa—de cuja veracidade ninguém duvida—é quem primeiro relatou o embuste da freira Soror Maria da Visitação; e aquelas que não puderam consultar Frei Luis de Sousa—que façam o que eu fiz: que entrem num livreiro e comprem o livro de Camilo «Virtudes Antigas» e leiam o capitulo intitulado: «A Freira que fazia Chagas!»

A minha consciencia jamais me perdoava a minha fantasia num assunto deste genero—precisamente por eu pensar... como penso.

«Foi a recordação da Santa de Fafe e da Freira da Anunciação o que me impediu de ir a Lamego. Longe de mim a insinuação—a insinuação sequer—de que se trata de um embuste. P'e'ndi apenas elucidar os apressados—sejam fanaticos ou descrentes—a freinar as suas opiniões e a reflectirem um pouco sobre tantos exemplos—e tantas hipoteses que podem falscar a verdade—porque a pior verdade, nestes casos é mil vezes mais util—mesmo à Religião—do que a mais bem urdida... fantasia ou a melhor intencionada... illusão! «E que Deus me perdoe—se peço—como dizia uma santa—mas santa autentica, santa velhinha como era minha avó, que nunca foi estigmatizada...»

R. X.



O Tostão do Artista



Em cima: a apoteose de uma revista em... 1900.

Em baixo: algumas artistas respondendo ao inquerito do Reporter X.



Vivia numa pensão, próximo da Calle del Principe, em Vigo

Os «azes» e «vedettas» do Folhetim Internacional raras vezes abandonam o tablado luminoso das grandes cidades para acamparem numa barraca de lona de qualquer aventura, no paiz; e os poucos que vêem até cá—ou passam, sem que os seus pés fairsquem as estrelinhas da fama; ou se vêm com proza fisgada, esfumam-se num tão hermetico anonimato que a imprensa raras vezes badala os sinos, para os celebrar...



Havia um frasco suspeito na sua mala

Quem é o príncipe Luiz Fernando de Bourbon e Orleans

Quem era este príncipe que um dia—em 1925—surgiu

O drama dos



Um plano diabolico á volta do Principe Luiz e Bourbon durante a sua estadia em Lisboa

no nosso meio e que vinha aureolado por uma imensa lenda de celeúmas, de escandalos, de caricaturas, de escarneos, de misterios? Dizia-se apenas que se apresentava com Afonso XIII—quando a verdade era que o seu sangue era um *cokc-tail* de todos os sangues riais europeus—desde as dinastias improvisadas, como a da Suécia até ás que se perdem num longuico cáos plebeu—que é aliás o berço unico de todas as dinastias. O «Bourbon» e o «Orleans», com que él se embandeirava, eram apenas dois apelidos favoritos entre um tão longo e variado estendal de nomes que nem o almanaque «Gotha» o suplantava. Primo de Afonso XIII, filho da famosa infante Eulalia e de seu marido, pesava sobre elle, desde nascimento, a maldição de táras que vai apeando, ha seculos, quasi todas as dinastias riais europeias. Mas, agravando essas táras—havia a loucura historica da mãe, expulsa, desde muito nova, da corte e do seio da familia, pelos escandalos cometidos e que ainda ha pouco em Paris, matraqueava o zonglo dos *potins*, lançando um livro de memorias com *index* de aventuras amorosas e ilustrando, p'los *cabarets*, exagerando pelos salões duvidosos do cosmopolitismo super-civilisado, as suas proprias teorias de liberdade moral, sexual e social...

Senhor duma fortuna nababesca cujo rendimento de cada mez, representa, só por si, uma grande fortuna; cercado sempre por uma corte de parasitas—tão sinceramente tarados como ele, ou fingindo serem-no para lhe caírem em graça, esbanjando ou deixando roubar aquilo que não esbanjava—conseguiu que as lendas das suas dividas, dos seus chéques, das suas habilidades financeiros, das violencias dos seus credores, (lendas mais dignas de um aventureiro sem capital do que dum arqui-milionario) se nivelassem em barulheira, ás dos seus escandalos intimos inenarraveis! Expulso de Paris após certo *vaudeville* heroificado por elle e por um secretario inseparavel (por sinal português) no Bois de Bologne—pretexto: que Afonso XIII «garrára pelos cabelos» para mover os cordelinhos diplomaticos e obrigar o governo francês a pôr o seu primo na fronteira; expulso da Belgica e não sei de quantos outros paizes—o desditoso infante, porque é bem desditoso, apesar de tudo—teve a inqualificavel ideia de se refugiar em Portugal—patria do seu cortezão favorito...

O Principe Escandaloso e a Sociedade portuguesa

Chegou a Lisboa nos finais de 1925... Houve logo uma conjura de talasinhãs burguezes que fingindo ignorar os escandalos que empapavam a atmosfera que ele respirava (nas muitos deles precisamente atraídos por esses escandalos) o sitiaram, mal o príncipe desembarcou. Uns acercavam-se-lhe pelo morfinismo utopico de se virem relacionados por um príncipe *de verdade*; outros pelo engodo de sorverem as notas que voassem por acaso, dos seus bolsos sem fundo...

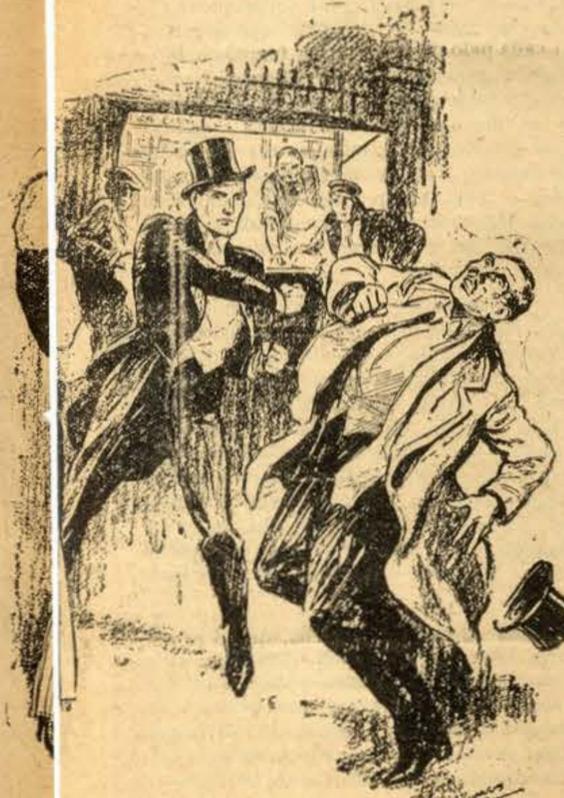
Uma dama tão espiritual como perversa, uma Montesquieu de terceiro andar, usou de todos os seus recursos para o monopolisar; e durante o periodo do seu exclusivismo enfarpelou-se, equilibrou finanças, amordaçou credores até que, os que faziam bicha á espera de vez a intrigaram, organizando um plano de invasão. Foi uma epoca que o príncipe, saiu de Lisboa e alugou um *chalet* no Dafundo, que pertencera a José Silva Graça, filho, o falecido director de O «Seculo».

E enquanto a dama em questão, picada pelo despeito de ver fugir aquele príncipe generoso e predulário, refervi em bilis—e se contorcionava, epilepticamente, numa vingança subtil mas constante, intrigando, espalhando boatos graves, intoxicando o ambiente á volta do príncipe—os novos cortezãos—uns dez ou doze—adulavam-no, excitavam-no nas suas taras mais tristes para depois as satisfazerem, como «iminenças grises» do lodo, buscando o que a ele apetecia ou pensavam agradar-lhe; provocavam novos apetites, vicios inéditos, contagiavam-no de todos os males, mise-en-scenavam as mais repugnant s orgias, traziam-no num permanente estado febril, de alucinação e de embriaguez—para se abarrotarem com as migalhas do seu o çamento—migalhas que muitas vezes eram cheques assinados em banco. Os criados, que cada um dos cortezãos impunha ao príncipe, á laia de sentinela, de cúmplice e de embaixador seu, na sua ausencia, e que vinham ás vezes, «abe Deus de ond», eram regalados com duzias de camisas de seda, que o príncipe encomendava e não chegava a vestir; um *avalheiro*—um intruso, que uma noite invadiu o «chalet» sem que ninguém o apresentasse; que compartilhou da orgia; que altas horas da madrugada encheu os bolsos de preciosidades de Tolêdo; que esboçou uma «chantage» e que foi expulso pelos eunucos da casa—vingou-se,

denunciando á policia que havia ali uma «fumerie» de ópio e um «stock imenso de alcooldes»—assunto que intervim e que me ofereceu o pretexto de conhecer pessoalmente o infante—evitando que a policia, burlada por um «chantagista», acercava uma nova habilidade, um novo escandalo á sua biografia—expulsando-o de Portugal... Um casal da melhor nobresa, dois jovens fidalgos recém-casados, enriqueciam a sua lua de mel—freqüentando assiduamente aquele «chalet» e colaborando, ele e ela, entusiasticamente, nos bacanaes...

Não chegava o jornal para exhibir todo o folhetim, triste e agoniento, da passagem do infante Luiz Fernandes por Portugal. Mas de todos os episodios—existe um que merece evocação, porque se tornou oportuno. E' o *drama dos anuncios* que está novinho em folha...

No ultimo domingo, á hora da saída



o alheiro cambaleou logo no Primeiro soco

dos teatros, dirigi-me á redacção para retirar, da minha secretaria, uns apontamentos que devia ser a materia prima da minha vigilia até ás tantas da manhã... Minutos depois, quando fechava a chave as portas do jornal e me preparava para recolher a minha casa—o guarda nocturno avisou-me que por duas ou tres vezes parára um taxi e dele saíra um sujeito—que *falava estrangeiro* e que perguntára por mim.—«E você o que lhe disse? Inqueri.»—«Que domingo á noite era raro aparecer por cá qualquer dos senhores redactores; mas que ás vezes... «E não disse quem era? insisti, com curiosidade.—Não—mas a ultima que veio—ha coisa de meia hora—parece que lhe ouvi dizer que ainda voltava.» Estranhei tanto interesse e urgencia e resolvi esperar o desconhecido, especando-me no passeio, de palestra com o guarda. Mas pouco esperei.

O individuo que saíu do taxi e que se me dirigiu, ao primeiro olhar, sem uma vacilação, era um gigante, do mais puro estilo saxónico, com vermelhões de saudade ensanguentarem-lhe as faces de *bulldog*—e umas iris dum azul tão humido que podia supô-las aguadas pelo pranto, se não fosse a dureza energica da expressão. Mal lançara o meu nome—e sem declinar o seu—propoz subirmos para falarmos á vontade e longamente. Minutos depois, atravessados os escritorios desertos, acesas as luzes do meu gabinete, acomodados em frente um ao outro, o gigante começou por pronunciar uma palavra—uma apenas: «Sou...» E fez um gesto; e exhibiu algo que o identificava; e seguiu-se um silencio quasi solene.

A carne incendiada

Uma noite—noite de inverno sabado para domingo de março de 1926 (a data fo recordada com toda a exactidão) o infante acordou sobressaltado. Não sabia dizer o que primeiro o alertara: se o halito ardente da primeira labareda, se o clarão que avermelhára a alcova e que transparentára a opacidade das palpebras, se o crepitar do fogo... Soergueu-se, vendo, entre pasmado e incredulo, varias chamas minuscultas ainda, que, como bandeirolas rubras, drapejavam aos pés do leito. Pulou para o tapete, alucinado—e logo o incendio se alastrou pelas colchas, esfarapando lençoes e *couvre-pieds*, como se dos colchões os rasgassem invisiveis laminas... Os seus nervos, doentes por natureza, tenros por todos os excessos de emoção—vibraram, atirando-o, numa crise



A insignia de detective de Scotland Yard

de loucura, pela casa fóra, numa gritaria «scandalosa, esbracejando, correndo... Em casa estavam apenas—por um involuntar acaso, dois criados e um amigo que dormiam em andares diferentes. Acudiram-lhe, alarmados, ao repassar a alcova incendiada deram com a porta fechada por dentro. O infante jurou que saíra por ali e que portanto estava aberta.

Obrigados a darem uma volta pelo corredor, para entrarem pela porta—chegaram no preciso instante em que alguém, saíndo pela primeira porta, a atirára le forma a impedir que fôsse visto. Um dos criados lançou-se em perseguição—mas nada viu. Extinguiram o incendio com alguns jarros d'agua (o leito era metalico e estava só em contacto com a parede na cabeceira) e a seguir notaram que as gavetas dos moveis estavam remechidas, vasculhadas e algumas esvanadas: o seu recheio de roupas e papeis, espalhado sobre o tapete. Era evidente que o fogo fóra posto por alguém que quizera afastar o infante para lhe furtar qualquer valor...; mas inventariado o conteúdo dos moveis—não se poudes acertar com o objectivo do gauno. Entretanto entrava espavorido, no quarto o segundo criado, um mocinho umido e com voz le soprano ligeiro, que mal podia falar... Ele vira—vira com aqueles que a terra ha-de omer um dia...—através da janela da ave duas sombras deslizarem e esfumarem-se no angulo que dava para o alcapão da cave... Ele só vira as som-



O unico retrato que existe de Antonio Brito

(Conclue na pagina 14)

Mais um triunfo jornalístico do «Reporter X»

O caso da cigana detective

Podemo-nos orgulhar de ter conseguido um triunfo com as nossas reportagens em favor do cigano Calixto, condenado inocentemente como autor da morte do cigano Ezequiel, crime ocorrido em Novembro de 1930, na Golegã.

Através dos nossos artigos, temos demonstrado com elementos irrefutáveis estar-se em presença dum erro judiciário, producto da péssima organização do processo, feito de modo atrabiliário num ambiente que também já descrevemos, no qual predominavam os familiares do assassinado, com um sudário de interesses que punham acima da descoberta da verdade, com o único intuito de fazer condenar o Calixto, que era o seu maior concorrente nos negócios.

Podemo-nos orgulhar de ter conseguido um triunfo—lamos dizendo—e afirmamo-lo com desvenecimento e com a satisfação do dever cumprido.

O sr. director das Cadeias Civis, capitão Lima de Oliveira, tendo tomado conhecimento do caso do Calixto, conseguiu, como já noticiamos, que ele fôsse transferido da Cadeia do Monsanto para a do Limoeiro, onde a sua pena se torna mais leve. O mesmo senhor, sabêmo-lo, conferenciou já com o agente Migueis, da P. I. C., que anda tratando das investigações, e tendo tomado conhecimento do que êste apurou, e que é a prova provada da inocência do Calixto, está disposto a tratar com o sr. Ministro da Justiça da necessária revisão do processo, de maneira a prestar-se justiça a quem a merece.

Por outro lado, o agente Migueis, incansavelmente, continua a trabalhar para completar a prova contra o verdadeiro assassino, o Quico, no que é poderosamente auxiliado, não só pela cigana Maria do Carmo, esposa do condenado, como por alguns outros elementos que têm contribuído desinteressadamente com capi-



A Cigana detective, em «travesti» masculino, tal como andou na pista dos verdadeiros criminosos

tal para as despesas, que são grandes, a fazer com as diligencias policiaes.

Por tudo isto contamos poder, dentro em pouco, dar a noticia de que foi autorizada a revisão do processo, a qual não pode resultar outra coisa que não seja a absolvição e reabilitação do Calixto e consequente condenação do Quico, único e consciante responsavel pela morte de Ezequiel.

As orgias diplomaticas de Genebra

A vida nocturna da S. das N.

(Conclusão do numero anterior)

predio de severa apparencia e de janelas de stores corridos. Repara agora em quem sae daquele carro... Trez gentlemen de gola levantada e chapéu enterrado até ás orelhas... Deixa vêr se os reconheço... Ah! E Mr. A. e B. ministros de... e Mr. C.—o celebre delegado do J... Ha duas horas os mesmos berravam eloquentemente na S. das N.—em defeza dos sagrados direitos do seu país que está ameaçado pelo país vizinho; agora vem receber o premio do seu esforço... Olhe bem... Batem discretamente á porta e olham em redor, com disfarce. Querem entrar antes que aquele outro auto chegue... Mas o segundo chauffeur sabe do officio. Parou á distancia—e espera! Se estivessemos junto á porta viriamos abrir um pe-

queno ralo e uas olhitas azues espreitam... A porta abre-se... Eles lá enfiam, como sombras que se apagam... Entretanto o segundo auto aproxima-se... e já está outro na esquina... Bem vêr! Esta gente, nas suas terras, são vigiados a todas as horas; teem mulher, familia, amigos intolerantes. O menor escandalo podia perdê-los na politica; o menor regabofe, podia levá-los a uma scena conjugal ou ao divorcio. A S. das N. é um paraizo para eles... Ausentaram se para longe da patria, sem esposa, sem indiscretos, sem bisbilhotice... De dia trabalham, discursam, teem conferencias... Mas mal chega a noite—tiram o ventre de miserias... Em todo o caso precisam de guardar as conveniencias... Se entrassem politicamente neste dancing de má reputação—

podiam dar que falar... Assim o cabaretier preparou-lhes a certa distancia este predio... Descem uma escada—atravessam um longo corredor; sobem outra escada—e eil-os num salão de baile e um restaurante só para... diplomatas. Já se vê que eles não ficam sós... Veem algumas dezenas de raparigas, girls do amor, sacerdotizas do baile divertit-os e ajudal-os a esgotar os cock-tail e o champagne... Na sala do lado bailam, divertem-se, bebem os outros os que não são da S. das N. nem diplomatas. Mas em certas madrugadas, quando os espiritos duns e doutros atingem certa agudeza ou certa ousadia inconsciente, misturam-se, porque, nessas alturas já não existe o perigo de serem reconhecidos—visto que, na manhã seguinte já ninguém recorda o que se passou...

«Mas não é só no Widok que eles se divertem. Temos ainda a «Pension Massot»—a mais celebre pensão da Europa visto que é dirigida por uma princeza, princeza autentica—e não russa. As russas já são banaes. Este é balkanica e reúne, á sua volta as mais belas raparigas da Suissa, o mais famoso jazz-band e a melhor cave de vihos... Uma outra pensão—«Pension Lagrange» fazia-lhe, até ha pouco tempo, grande concorrência. Mas um incidente surgiu—e a policia fechou-a. Calcula tu que os frequentadores dessa pensão começaram a notar na seguinte coincidência: sempre que lá iam e que se divertiam—sofriam a seguir um fracasso diplomatico ou politica, dentro da S. das N. ou no xadrez da politica internacional dos seus países! Ao principio atribuiram essa fatalidade a uma guisie e a proprietaria ganhando fama de jetalosi—começou a perder clientes. Mas houve um, mais vivo, mais atento que não se resignou á história do mau agoiro. Armou uma çijada—e no dia seguinte denunciava á policia que a «Pension Lagrange» era um ninho de espias que aproveitavam a despreocupação, o bom humor, dos seus clientes ou para lhes furtarem documentos secretos ou para lhes arrancarem confidencias graves...

«Os escandalos não sendo amudados não são ineditos—nas noites opacas de Genebra. Ainda ha pouco tempo o presidente do ministerio duma potencia europeia foi vítima duma scena... bastante Palais Royal. Vierá passar a noite ao «Faun»—um cabaret semi-alemão que existe na outra margem, quando bailava alegremente um fox com certa espanhola de olhos de Carmen—sentiu que lhe boqueteavam uma bofetida em pleno rosto. Voltou-se—atontado—e deu com a esposa!

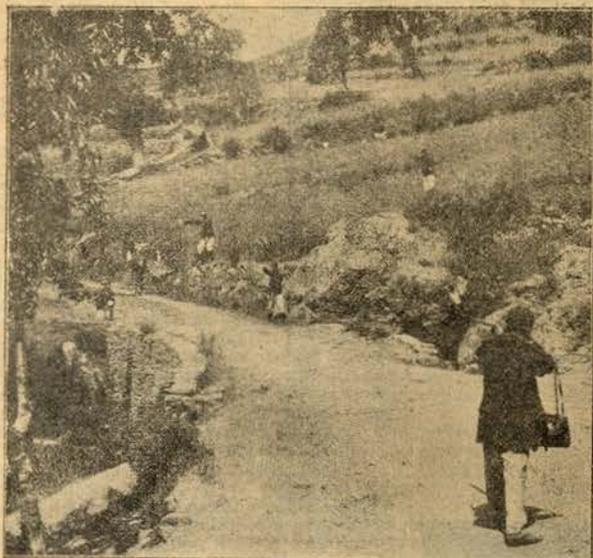
«Ah! Que belo livro de revelções se fazia com os misterios noturnos desta cidade suissa—tão pacata sendo ha poucos anos! Mas não julgues que censuro os graves diplomatas porque se divertem; Eles tambem tem direito á vida—e emquanto bailam, bebem e riem não pensam em guerras!

R. Porterx.

Uma reportagem sensacional sobre

banditismo da Córsega

A ofensiva de Mr. Chiappe contra «Le Detective».—O banditismo romantico e o jornalismo usado.—As fotos escamoteadas.—Uma reportagem que ia custando a vida ao reporter



1.º No 1.º plano o bandido faz fogo contra os gendarmes; No 2.º plano os gendarmes, enfrentam o bandido (o reporter que tirou esta foto, estava atraz do bandido, que como é natural e ficou ferido com as balas dos gendarmes)

A Ofensiva policial contra os bandidos da Córsega é um assunto já gasto — e não voltariamos a evocal'o se não existisse um motivo que o tornou subitamente oportuno. E o motivo que o tornou oportuno foi precisamente nas duas fotografias — obras primas da reportagem fotografica que hoje publicamos.

Expliquemo-nos. O banditismo da Córsega tem tradições doiradas e illustres. Durante seculo e meio estava a Córsega como o mais completo exemplo de viveiro de salteadores e estes como *specimens* do banditismo heroico — quasi cavalheiresco. Depois passou de moda, os Al-Capones, os Jack Diamond, os Rex, os Talvani suplantaram aqueles românticos heroes do roubo, apaixonando a opinião publica e fazendo esquecer os herdeiros de Sardeti e de Leoni. Ha coisa de uns quatro ou cinco anos appareceu em Paris o mais moderno e brilhante dos jornaes de «fait-divers» — «Detective», dirigido por um jornalista famoso — George Kessel e que a Prefeitura da Policia parisiense mimava, facilitando-lhe todas as informações, protegendo-o, elogiando-o, considerando-o como um órgão official seu. Quem chefiava esse movimento de simpatia era o proprio Prefeito da Policia — Mr. Chiappe, que Portugal conhece provavelmente. Mas um dia, subitamente, deuse a reviravolta e a amizade, as facilidades, os elogios, a proteção transformaram-se em perseguição, em odio, em franca hostilidade — até ao extremo de Mr. Chiappe proibir que *Le*

mordaças, enviou um dos seus reporteres à Córsega e este emocionou os seus leitores revelando uma verdade insuspeitada: A Córsega estava cheia de bandidos, tam ferozes e inclementes como no seculo passado mas com a diferença: é que actualmente as autoridades não os perseguiram; e se os perseguiram era só quando os salteadores ameaçavam os influentes da terra! Mr. Chiappe enfureceu-se e desmentiu oficialmente a reportagem. Que tudo quanto *Le Detective* dissera não passava de uma calunia ignobil, duma fantasia reles! A resposta foi eloquente. O reporter de *Le Detective* não descansou emquanto não obteve uma prova insofismavel da verdade: e para a obter arriscou a vida, ficando ferido logo ao primeiro *cliché* (visto que se colocou atraz do bandido para o poder Kodakisar ao mesmo tempo que aos gendarmes que respondiam com fogo ao fogo do meiante) e realisando o segundo *Cliché* por um milagre de

Detective fosse exposto nos quiosques dos *boulevards* — «porque declarou — era um jornal que intoxicava os espiritos e propagueava o crime». Esta attitude não era muito coerente, visto que se *Le Detective* representava um mal social, esse mal existia já quando Mr. Chiappe fazia dele seu órgão official!

O segredo dessa metamorfose eram as duas notas que publicamos hoje.

Mr. Chiappe como Napoleão, nasceu na Córsega; a Córsega elegeu-o deputado e deve-lhe grandes beneficios; e o seu bairrismo é por tal forma exagerado, que ele não admite sequer que lhe recordem as historias do celebre banditismo da sua terra! Um dia Kessel, que não tolera

energia, posto que uma das feridas sangrava abundantemente e ele mal podia ter-se de pé!

Os *clichés* foram escamoteados da redação de *Le Detective* antes que fossem publicados; Chiappe rompeu depois ofensiva contra aquele jornal, fundando, com capital seu, *Police Magazine* (com o proposito de derrubar *Le Detective*, o que não conseguiu) e ante a evidencia da revelação deu-se este paradoxo: Mr. Chiappe mobilizou alguns milhares de policias e gendarmes de Paris para declarar uma guerra sem treguas aos bandidos... da Córsega.

Mezes depois, sem saber como, as fotografias escamoteadas, surgem em Berlim; e o *Uhu*, o magnifico magazine alemão, publica-as no seu ultimo numero — donde as reproduzimos.

Os vampiros duma grande obra de assistencia

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados, á ultima hora, a retirar da paginação e a reservar para o proximo numero a segunda reportagem sobre o caso, tristemente sensacional das quedas do Cabrum. Mas não pedem com a demora, os Tartufos...

Este número do
"Reporter X" tem 16
paginaas a duas côres,
custa 1\$00 e foi visado
pela Comissão
de Censura



O bandido cae por terra, mortalmente ferido; os gendarmes correm para ele

O homem misterioso do hotel Francfort

Na redacção, às 4 da madrugada—O suplicio do telefone—Uma informação alarmante—Enquanto Lisboa dormia...—As estranhas conversas dos hóspedes do quarto n.º 27—Quem era «Paulo d'Armillac»?

VASCO Fortes já descança, há mais de dois anos, num coval humilde do alto de S. João. Conheci-o na «Tarde». Era um rapaz azougado, olhinhos prescurtadores, conhecendo um pouco de tudo. A vida nocturna da capital, dos maneios das chancelarias, dos meandros policiaes...

Entre os papéis que me legou, deparei com um livro manuscrito, encadernado em carneira negra e com o dístico «Memórias» gravado a ouro na lombada. Foi nes' e volume que encontrei algumas paginas curiosissimas—e entre essas escolhi a reportagem que se segue...

Foi numa madrugada de Janeiro de 1927. As 4 horas haviam batido, momentos antes, no velho relógio da redacção. De subito, uma campainha reinuiu. Aproximei-me do telefone e dispuz-me, com a serenidade dum «fakir», a sofrer o martirio! «—E' do jornal... xxx?» «E' sim! Quem é você?» «—Informador Lencastrel» Senti um calafrio. Aparecer uma noticia, a estas horas, quando eu pensava em ir deitar-me, era caso para pôr os cabelos em pé. «—Que há de novo?» «—Chegou há pouco ao «Francfort» de Santa Justa, um individuo que se suspeita ser... —e aqui o informador mastigou qualquer coisa que não percebi.

«—Ser quem?»—berrei já irritado. Do auscultador brutou um nome—um nome que, quando o repeti em voz alta, fez dar um pulo ao chefe que dormitava num «maple». «—Você não está em seu juizo!—titubeei sem saber o que dizia.

«—Doido está Você, «seu» idiota!—retorquiu-me a voz rouca do informador.

Desliguei bruscamente. O relógio marcava cinco horas. Faltava pouco para alvorecer. E quando eu ir dar abrigo a uma temil esperança de fuga, o chefe rugiu lá das profundezas do «maple» enquanto devorava um «sandwich»:

«—Vai tratar imediatamente desse caso!
—Mas...—balbuciei, apontando o relógio.
—Qual «mas», nem meio «mas»?!
Vai saber quem é o homem do «Francfort».

E vê lá as «falhas», hein! Pela primeira vez na minha vida senti desejos de me tornar antropofago. A correr, enfurecido, enterei o chapéu até ás orelhas e desci de quatro em quatro os degraus da escada.

O ar gélido da madrugada despertou-me, tornou-me mais leve e corri pelo Chiado abaixo numa ancia sófrega não sabia bem de quê... A cidade era ainda um imenso pirilampear de luzes. Só se viam nas ruas os policiaes que, encostados aos candieiros, passavam pelo sono e raras «trotteuses» recolhendo, apressadamente, a qualquer hospedaria barata.

Esbaforido, encontrei-me, quasi sem dar por isso, em frente do «Francfort». Um porteiro, cheio de galões e botões dourados, dormitava; e um «groom» minúsculo, com as mãos enterradas nas algibeiras, ronovava, encolhido com o frio, numa «chaise» do «hall» envidraçado. Empurrei o guarda-vento. Entrei. O porteiro dorri inhoco abriu um olho, roncou qualquer coisa, respirou alto e continuou a resonar como um trombone.

**A' maneira de um rato de hotel...—O quarto n.º 57
—Misteriosa conversa**

Ninguém encontrei na escadaria. Subi vagarosamente quasi a medo, e as alcatifas afogavam os meus passos. Primeiro andar. Silencio profundo. Junto de uma porta uns sapatinhos azuis aguardavam quem os limpasse e, logo ao lado, uns «butes» largos, trombudos e ferózes, de salto raso, evidenciavam uma ditadura conjugal. Subi mais Segundo, terceiro, quarto andar. Parei. Pareceu-me perceber uns murmurios—Aparei o ouvido e o murmuro de duas vózes masculinas—uma sêca e imperiosa, outra doce e submissa—proseguiu.

Era num quarto situado ao centro do corredor—no quarto n.º 27,—que se falava com tal misterio. Avancei lentamente, arrelpando-me por, a cada passo, os sapatos rangerem indiscretamente, e, ajoelhando, espreitei pelo buraco da fechadura. A chave estava no seu posto e o meu projecto gorou-se.

«—Não pôde ser! Não quero que me conheçam; seria um escandalo e correria um certo perigo!»—percebi dizer distintamente a tal vós imperiosa.

«—E se sairmos logo que nasça o dia?»—Pro pôs a outra vós com brandura. Creio que seria bom descançar um pouco. Essa viagem de automovel com as estradas neste estado...



«—Iremos repousar a Paris!
—Mas...
—Deixa-me. Tudo isto sucede por culpa tua —pelas tuas pièguices de querer voltar a vêr «o nosso país, o palacio onde eu nasci e onde foram mortos os dois queridos senhores»...
—!!!

«—Não era assim que falavam? Não chegaste a propor-me a loucura de ir a S. Vicente?»
«—Efetivamente, meu senhor, há já tanto tempo Só aquele ar de Inglaterra, só aqueles nevoeiros, só Paris, só estrangeiro... Que saudades deste torrãozinho, meu senhor!»

«—Ora...—exclamou o outro evasivamente.
—Mas, meu senhor, se deseja partir dê as suas ordens!»—exclamou outra vós que eu, até esse momento, ainda não ouvira.

«—Sim, meu bom amigo; prepare tudo para eu sair, logo de manhã, antes do bulicio.»—E num tom nervoso:—«Quem sabe se me reconhecerão mesmo depois de dezasete anos? Que escandalo...»

«—E que perigo!»—acrescentou uma voz feminina.

«—Sim, condessa, que perigo! Tem razão! Poderia algum alucinado... E sentia-se um balbuciar tremente naquela voz que soara firme havia pouco.

Um criado sonolento e um cartão de visita

Eu estava espantado. Confirmava-se, então, o que o informador dissera?

Sentia-me abstracto, com as ideias confusas, assoberbado por um infinito numero de cogitações. Seria possível o que a informação telefonica annunciara e o que aquela conversa deixava prever? Mas, então, o que fazia a policia internacional?

Uns passos leves arrancaram-me de aquele torpôr. Tomei rapidamente uma «pose» conveniente e, calçando as luvas com ar despreocupado, encaminhei-me para a escada, aparentando a liberdade do hospede que sai para dar um passeio matutino. Esbarrei com um criado que subia. O rapaz cravou em mim os olhos inchados pelo sono. Eu devia ter um ar de tal impotencia que o criado curvou-se e murmurou um submisso «bon jour monsieur Marquês». Marquês? Eu? Por quem me tomaria o criado?

Reflexionando, cerebro acachoa hipoteses, vim dar outra vez ao «hall». O porteiro e o «groom» ainda rmdoiam. Aproximei-me do livro de hono'nes e folhie-o. Procurei a ultima pagina. Olhei, percorri sofredamente as linhas e, na ultima, em letra que eu já vira, em alguns albus aristocraticos, estava escrito:

Paulo d'Armillac
Boulevard Haussman PARIS

Não havia duvidas! Era «ele»? Era «Paulo d'Armillac» o nome sob o qual costumava occultar-se...

Na «gare» do Rocio—O conselheiro «imprudente»—«Este» ou um «nosta»?

Aguardei, occulto num portal, que o homem saísse.

Chegaram alguns camaradas de outros jornais, abriram o guarda-vento e, depois de curta demora, saíram de «orelha murcha», cabisbaixos... E eu sorria preversamente.

Numa taberna, lá do cimo da rua, vinha o som gemebundo duma guitarra acompanhado por uma voz rouca e avinhada, num tom canalha que me irritava. Na esquina proxima dois galegos questionavam sobre a propriedade de um «chinguiço» que ficara na taberna dum tal Ramon.

Um «taxi» desembocou da rua Augusta e veio parar junto do hotel. De dentro alguém abriu a porta envidraçada e assomou a cabeça grisalha de alguém que olhou fixamente a rua. Oculte-me mais. A cabeça desapareceu e eu corri a meter-me numa escada em frente do «Francfort».

Dai, a momentos, uma senhora ainda nova com grande ar de nobrêsa, subiu para o carro. Depois subiram três individuos, um dos quais com aquela voz metalica que eu já ouvira, ordenou ao «chauffeurs»:

«—Estação do Rossio!»

O auto arrancou e eu corri sobre êle, sem

(Conclue na pag. 14)

Páginas de sangue e de dor

Recorda-se o primeiro Tribunal da Inquisição

Ainda se distinguem vestígios arrepiantes desse passado de morte. A evocação de uma época de vingança e extermínio é feita por aquelas pedras que parecem silenciosas, mas são de uma linguagem expressiva. Há vagas reminiscências dum passado, a recordação dos morticínios encontra-se nos documentos ainda gotejando sangue, nas fotografias esgáricas das vítimas do poder dos jesuítas. Naqueles orifícios, que parecem vigias de navios julgamos ver, neste mesmo instante, os olhos vítreos de um supliciado gosando pelos interstícios da liberdade visual, a luz da Vida aquelas pedras enegrecidas são todas epítafios sob os quais se abriram sepulturas das vítimas da Inquisição.

Coimbra perdeu já a fisionomia dessa época, trezentos e setenta e sete anos que vão decorridos. A «toilette» da cidade moderna e a sua toponímia modificaram-lhe o caracter. Tem hoje outra expressão — a expressão de uma cidade com seus alinhamentos e a sua urbanização. Deixou ficar para além dos séculos, cerca de quatro, um panorama que era todo construído de vinganças e odios. E a fotografia moral que hoje tem, se à memória não vier a recordação desse passado, não escada.

Desde o fundo da Sofia ao pátio da Inquisição, lá em cima, naquele prédio que parece uma moradia e que hoje é arrecadação camaria, ha um agrupamento de prédios já velhos que dir-se-iam as primeiras construções da cidade. Desse passado só ficou o terreno, quem sabe se adubado de sangue dos supliciados. Só aquele prédio da edidade conserva ainda o caracter grosseiro da Inquisição, no seu interior, com sulcos fundos de uma instituição que foi bem um *clitche* de uma época. E, todavia, foi nesta Coimbra de sonho, nesta cidade dos poetas e da ciencia, Lusa Atenas vestida de roupagens universitarias desde muitos séculos, que existiu pela primeira vez em Portugal, ha cerca de quatro centos anos, a Inquisição. Evocando esta época ante resíduos de cenário desse passado de vergonha, sentimo-nos orgulhosos do século em que vivemos, defeituoso e mau, mas distante desse, cheio de oprobrio.

Nos primórdios da Inquisição

A reportagem do acontecimento digressa pelos calhamaços da época. E' ali que o «reporter» vai colher os elementos necessários para a construção do artigo. Em frente daquelas pedras enegrecidas que parecem envergonhadas do seu passado, tudo são pontos de interrogação, incógnitas formidáveis que nada dizem. E' na bibliografia da época que estão os subsídios para os alicerces da reportagem. Vejamos:

D. João III fundou no ano de 1547, num edificio que vinha desde o principio da Sofia e se estendia ao que hoje é a arrecadação da Camara Municipal de Coimbra, então Colegio de São Miguel de Todos os Santos, o Colegio das Artes. Aquele monarca nomeou Principal do Colegio André Gouveia que foi a Paris contratar mestres franceses. Sucederam-no, mais tarde no lugar Principal, Diogo Gouveia, João da Costa, Payo Rodrigues de Vilarinho e Diogo Freire.

Os Principas não sympathizavam com os mestres franceses, diz-se que por exigirem grandes quantias pelos seus ordenados, assegurando, no entanto outros, para os alijarem daqueles logares. Parece aproximar-se mais da verdade esta ultima versão. Já nessa época era grande a preponderancia da Companhia de Jesus na Corôa.

1). João III fortemente dominado pelo Cardeal D. Henrique estava ilaqueado. Os jesuítas pretendiam apoderar-se do edificio do Colegio das Artes para nele instalarem o Tribunal da inquisição.

Orifícios que foram vigias dos supliciados — A fisionomia de Coimbra há cerca de quatrocentos anos — Como os jesuítas sitiaram o Coleg. das Artes fundado por D. João III — As bocarras da crueldade — Do Tribunal de Santo Ofício a arrecadação camaria — Alguns documentos da época e a sua linguagem — Com ferro matas, com ferro morres.

Os Principas do Colegio eram como a guarda avançada do exercito sitiante. O edificio embora bem ameado não poderia resistir à invasão. De todos os lados os sotainas desfechavam mortalmente. A pouca e pouco os seus alicerces iam cedendo. E em 10 de Setembro de 1555, D. João III confiou o Colegio aos jesuítas. Estava ganha a partida. De posse do edificio os jesuítas poderiam ali instalar o Tribunal da Inquisição. E foi o que fizeram mais tarde. Ainda se vêem hoje vestígios dessa época tragica.

Os carcereiros da Inquisição

Não interessa agora saber quantos anos esteve ali instalado o Tribunal da Inquisição. Queremos apenas nesta reportagem lembrar que naqueles edificios que circundam o Pátio da Inquisição, uns pertencentes à Camara Municipal que dele faz arrecadações, outro ao jornal «Gazeta de Coimbra» e os ultimos que servem de moradia,

se consentiram massacres e horrores; desejamos apenas evocar uma época que felizmente vai já distante. Na visita que ali fizemos ha dias podemos observar



O palacio da Inquisição. As frestas que se veem na parede pertenciam à celas dos presos

que ainda abundam ali muitos vestígios da Inquisição. Os carcereiros estão intactos. Ha inscrições, argolas que serviam para o suplicio a fotografia de todas as crueldades. Mas não iremos falar do que existe no velho edificio da Inquisição. Vão passados trezentos e setenta e sete anos. Algumas manchas dessa ignominia apagaram-se já. Facilitou-se nessa missão, reproduzindo ainda com mais frescura alguns episodios dessa época, o jornal «A Borboleta», de 13 de Junho de 1821, que referindo-se a um acontecimento historico ocorrido onde estão hoje instaladas as oficinas da «Gazeta de Coimbra», publicava o seguinte: «Nos dias 31 de Maio, 1 e 2 do corrente esteve patente o edificio da Santa Inquisição que Deus haja, Nunca evi povo tão entusiasmado; os mesmos ignorantes que até agora não sabiam o bem que lhes vinha da Constituição, já vão

concebendo esperanças de gosarem para o futuro mais alguma liberdade e segurança pessoal: já vão sentindo o seu benéfico influxo. Graças ao nosso bom Governol A nós mesmo parabens!

Patenteou-se o edificio da Inquisição: mas que tem ele digno de se ver? Nada; carcereiros e mais carcereiros e nada mais. Parece que o seu Instituidar quiz trancar na Inquisição de Coimbra, não só Portugal em peso, mas todo o Imperio da China se ca o pilhasse. Os carcereiros são inumeraveis; uus maus, outros menos escuros; metendo maior horror pela prevenção dos que os vão ver.

Mas onde estão os cruéis instrumentos com que outrora a desditosa humanidade era ali flagelada. Não aparecem. Pode-se apenas fazer alguma ideia dos tormentos, por varias coisas que se não poderam ocultar, como é o ver-se pregada no tecto de um quarto terreo, uma argola de ferro, para nela dependurarem as maldadadas victimas, deixando-as cafr depois. No segundo pavimento ha uma cozinha onde se vê uma grelha de pau e ferro, na qual, dizem, as pelavam com água fervente e onde tambem as assavam.

Legendas de morte

«Em alguns carcereiros aparecem letreiros dos presos, mas quasi todos, pouco, ou nada legiveis: são notaveis os seguintes:

*Collocavit me in obscuris,
sicut mortuos*

A tradução é:

«Meteram-me numa sepultura,
como morto»

*Die quibus in terra, et eris
mihi magnus Apollo,
Tres pateat collis spatium non
amplius ulnas*

Transportado à nossa lingua isto quer apenas dizer:

«Grande sabio serás, se tu me dizes,
Onde se avistam só do Ceu três varas?
Respondo que é aqui, pois não
vejo mais que três varas do Ceu!»

Foi nestes termos, em 1821, que se exprimito o jornal «A Borboleta». Ainda hoje, porém, o visitante observa vinculos da passagem por aquele local da inquisição. Lá está ainda com a sua bocarra escancarada a cela que serviu de pousada ao padre Antonio Vieira, um dos ornamentos da Companhia de Jesus mais tarde preso e condenado.

Quem com ferro mata, com ferro morrel
A Inquisição de Coimbra é o mais revoltante documento de uma época que já se extinguiu.

ALFREDO MARQUES.

ANUNCIAI

— NO —

REPORTER X

O drama dos annuncios!!!

(Conclusão da pag. 9)

bras que se projectavam contra a parede e não os corpos as silhuetavam; mas pelas sombras podia descrever as figuras: eram dois homens magros, de boina ordinaria—como essas que usam os mariolões... Durante todo o dia o infante andou sob um nervosismo histerico, ora irritando-se, ora lamuriando as suas desditas... Depois chegaram os seus amigos—e o incidente diluiu-se entre calices do Porto, musicas excitantes e conversas alegres... E nem sequer pensar em participar o caso á policia.

Os annuncios

O infante não teria nunca reparado no primeiro annuncio se um dos seus amigos portugueses—a sua cõrte era cosmopolita—(precisamente o que pernôitara no chalet naquela madrugada) não lhe chamasse a atenção. Copio do recorte... «A Quem teve a cama incendiada... —Fica prevenido S. A. e todos os que ficaram no cliché que este está outra vez em boas mãos». Vinha no «Diario de Noticias», mas se se destacava pelo espaço que occupava e caracteres em que o haviam composto, podia confundir-se facilmente com qualquer annuncio charadístico, amoroso ou não, que, com tanta frequência, se publica nos nossos grandes diarios. A insinuação ao «incendio do leito» e as iniciais S. A. (Sua Alteza?) pareciam procurar uma ligação directa com o Luis Fernando. Este enervou-se, atirou um calice contra a parede, correu ao quarto, remecheu a papelada e ao voltar vinha mais palido—quasi sonambulo, não dando palavra durante todo o dia. Na semana seguinte surgiu novo annuncio encimado pelo mesmo titulo: «A quem teve a cama incendiada... —Começa pela primeira que está á esquerda e acaba pelo ultimo da direita que é S. A. Cada um tem um meio para se reabilitar.

Se não o fizer tanto pior para elle. Só será revelado no ultimo.» Os termos eram mais incompreensíveis do que no primeiro annuncio; e nos que se seguiram—(foram vinte e dois annuncios sendo o ultimo publicado em 15 de Dezembro de 1926) esse estilo enigmatico foi-se adensando sempre. Simultaneamente o caracter do principe soffria uma metamorphose notavel. Cada dia que passava o seu pessimismo adevuava-se; a sua sede morbida de prazeres e emoções transformava-se numa dispesia de sensibilidade, enfartando-se de tudo e de todos; até que um dia, quasi em segredo, abandonou Portugal... Um ano depois constou que estivera no Algarve, vindo de Sevilha, num raído bohemio; e que provocara um escandalo dos seus num hotel de Vila Real de Santo Antonio... Dessa noticia só era verdadeiro o facto de Sua Alteza encontrar-se no Algarve. O motivo da sua viagem e os acontecimentos provocados pela sua estadia não se assemelhavam sequer ao que o boato espalhara ..

A fotografia maldita

Pouco tempo antes do «incendio da cama» o infante recebera a visita de um grupo de amigos cosmopolitas, irmãos de tara e de orgia, nos bacanaes do «Bois», em Paris e do «Negresco» de Nice, jovens «gentlemen» com titulo ou sem titulo, mas de moral duvidosa—entre os quaes havia uma dama italiana—foram recebidos festivamente por S. Alteza. A corte lusitana que cercava o principe ficou um pouco despeitada e ciumenta, afastando-se momentaneamente a maioria dos cortezaes portugueses—com excepção de dois ou três que não quizeram perder o logar. Como os turistas vinham com pouca demora, organisou-se logo uma festa íntima, uma verdadeira apoteose, com varias *feeries* dignas de qualquer cidade maldita, das que a Biblia evoca como exemplos da colera divina... E alta madrugada, quando o alcohol e os alca-

loides tinham amarfanhado todos os espiritos, um dos bacantes alarmou os outros enchendo a atmosfera, primeiro com um clarão da cõr da platina, que cegava os olhos já congestionados pelos excessos, e depois por uma densa fumaça que os ia asfixiando... Fôra um tiro de magnésio—para poder fotografar o «ensemble» da festa... A unica censura que esta surpresa provocou—foi a do incomodo e a da susto causados; mas no dia seguinte ninguem se recordava já do episodio. Na semana seguinte, e na vespera do grupo cosmopolita partir para Paris, á saída de certa *soirée* elegante que tambem deu que falar, um dos cortezaes portugueses do infante mostrou aos estrangeiros a primeira prova da foto... O estrangeiro vendo-se a elle proprio e a dama italiana que o acompanhava numa flagrante ameaça de escandalo—empalideceu, murmurou um insulto; e como o fotografo amator soltava uma gargalhada socou-o com tal violencia que o cavalheiro caiu redondo. Este pugilato provocou, na epoca, certa celeuma, sendo attribuido a varios motivos menos ao verdadeiro.

O que se sabe agora é que o infante apelou para um dos seus homens de confiança de nome Antonio Brito, antigo chauffeur—e dando-lhe umas notas conseguiu obter não só as provas como o proprio cliché comprometedor... E desde então S. A. nunca mais o largou; e de noite guardava-o sob o travesseiro. Porque razão não o destruiu? Teria elle interesse tambem em possuir uma arma de defeza ou de ataque contra os outros figurantes da fotografia? Ignoro... O que é evidente é que quem lhe incendiou o leito—o fez propositadamente para o afastar e se apoderar do cliché.

O primeiro morto

A *chantage* que se seguiu e de que os annuncios serviam de porta-voz estava assim mecanizada. Cada um dos personagens comprometidos escandalosamente nessa fotografia, tinha um praso para se *rehabilitarem*—pagando uma elevada quantia ao chantagista anonimo. Caso o fizesse, o miseravel apagava do cliché o seu rosto, raspan-do-o. No caso de negativa, como o cliché só podia ser exhibido no fim, visto que havia muita gente a sofrer a mesma *chantage* e cada um gozava um praso para se reabilitar—o cavalheiro castigava-o com uma pena mais grande ainda do que a do escandalo; a pena de morte. O drama seria desenrolado metodicamente, focando individuo por individuo; escalados pela ordem em que apareciam na foto—a contrá da esquerda para a direita... Como o ultimo da direita era o infante—esse teria um dia de pagar não só a sua parte como a de todos os outros—dos mortos (o chantagista falava dos mortos como um juiz que sabe que as suas sentenças não de ser cumpridas, sem apelo possivel). Do contrario—primeiro o escandalo e depois... a morte tambem.

Ao principio os annuncios deixaram no espirito da infante uma duvida sobre a seriedade (?) ou antes a gravidade das ameaças. Mas é que, entre os annuncios surgiram outras mensagens e por fim estes substituiram por completo aqueles e já não era possivel acalentar esperanças. Um mez antes da sua saída de Portugal, S. A. tentou convencer o n.º 1 do foto (que era um português) a pagar a soma exigida; mas este encolheu os hombros numa bravata—e partiu tranquilamente para Vigo, hospedando-se num hotel da Calle del Principe. Pouco depois soube-se que este português se tinha suicidado! Na sua maleta de viagem fôra encontrado um frasco de veneno—tal e qual como nos dramalhões do Ambigu! Alucinado de pavor—o principe saiu de Portugal ..

Em respeito ao compromisso tomado não revelarei o nome deste miseravel que ha seis anos tortura uma alma na cubica de sua fortuna. O detective tem o seu plano—um plano discreto, silencioso—e não serei eu quem o prejudique.

Tanto mais que o individuo em questão—disseram-me ontem na «Brazileira»—partiu, em viagem de recreio e na companhia dum desconhecido, para a Italia.

Falta agora evocar-vos um outro personagem: Antonio Brito, o homem de confiança do principe. Não leram, ha dias, nos jornaes a noticia de ter sido preso em Barcelona, um compatriota nosso, por motivos que a policia não revelou? Esse compatriota nosso é Antodio Brito, um dos conjurados da *chantage*, o homem que incendiou a cama ao infante, o que se apoderou do cliché e o que... cá pós os annuncios ao «Diario de Noticias»...

Quantos dramas, quantos folhetins, quantas intrigas não se occultam nessa pagina de annuncios!

R. X.

O homem misterioso do hotel Francfort

(Conclusão da pag. 12)

pensar no que diria quem me visse. A três e três galguei os degraus da estação. Entrei na «gare». Um comboio ia partir.

Passando, com modo nostálgico, um vulto politico monarchico, de olhos scintillantes, moradia um charuto caro e aromatico.

Pouco depois, por um dos largos portais, entraram aqueles a quem eu aguardava.

—Oh! conselheiro, pois incomodou-se... exclamou o mais novo dos individuos abraçando o politico dos olhos.

—Cumpro o meu dever, meu senhor!—E voltando-se, o velho monarchico cumprimentou, —Condessa! Felicito me por poder apresentar-lhe as minhas homenagens!

—Sempre amavel, conselheiro!

—Oh! minha senhora!

—Vamos! Vamos depressa!—atalhou aquêle a quem todos tratavam por *meu senhor*. Rapidamente, entraram para o «*wagon-lit*», as malas foram arrumadas e houve os ultimos apertos de mão.

O politico ao sêr-lhe estendida a mão pelo individuo mais novo, pegou-lhe respeitosa e beijou-a.

—Então conselheiro? Quer denunciar-me?—e a mão fina, aristocratica, retirou-se bruscamente.

Silvou o apito do condutor. A locomotiva resfolegou, avançando a esguia fila de «*vagons*» com um ruído infernal.

—Adeus conselheiro! Espero-o em Paris!

—Deus guarde vossa Magestade!—limitou-se em responder gravemente o politico, curvando-se numa reverencia. E o comboio desapareceu naquêle negro do tunel, enquanto eu, occulto por um dos pilares de ferro, perguntava a mim mesmo se o homem que eu tinha visto seria, efectivamente, «*ele*» ou um «*sosia*»...

Quando, apressadamente, me retirei, vi com surpresa que o conselheiro limpava furtivamente, com o alvo lenço, algumas lagrimas teimosas.

.....
E nunca cheguei a saber, concretamente, quem era o misterioso homem do Hotel Francfort... Seria «*ele*»?

Pela copia

Ferreira da Costa.

Leiam o «O Reporter X»

A última amante de Eça de Queiroz

(Conclusão da pag. 5)

braços descansa! Mas ela, a «dama misteriosa», aproximou-se mais, mais e... aquela boca, relicário que guardou o perfume do amor, tremula, delirante, cheia de vida, procurou e pedra fria onde a mão do artista traçou a boca dos escritos.

Aqueles lábios cheios de graça, loucos de amor, colaram-se á pedra gelada, como querendo emprestar-lhe o seu calor e toda a sua vida... Mas o romancista, indiferente áquele amor estranho, não abandonava a fria amante que sempre nos seus braços tem! E a pobre a pobresinha da «dama misteriosa», cingia, numa carícia suave e doce, o corpo duro e indiferente do escritor!...

E assim esteve longos momentos, vivendo aquele amor unico, aquele amor doentio—força indomável que a alucinara. A triste sofria dum desespero de amor. Gemendo aqueles gemidos do prazer, proprios do momento em que a razão dá lugar á loucura passageira, a «dama misteriosa», atingiu o espasmo. Depois, inanimada, vencida por aquele amor estranho, ficou-se para ali, braços presos á estatua sempre fria, esperando que o alento a viesse acordar daquele sonho de amor!...

«De mansinho, muito de mansinho aproximei-me da mulher desfalecida de praser, para a fazer voltar á realidade de vida. Quando minhas mãos, tremulas, tatearam seu rosto oculto, obrigando-o a deixar-se ver, uma onda de admiração e espanto apossou-se de mim. Eu tinha—caso estranho!—na minha frente, e naquelas condições lamentáveis, uma das mulheres mais lindas, mais belas, que deambulam nesta Lisboa tão cheio de misterios... Essa senhora já não existe.

Morreu há meses e já se encontrava há muito numa casa d' alienados em França. Respeito a sua memória, e por isto, não quero revelar a sua personalidade em absoluto.

O relato que acabo de fazer, não podia obedecer a um producto de fantasia. E francamente, o meu amigo e agora amavel informador, não tem um cerebro capaz de erguer u na fantasia que se possa confundir, mesmo a galope, com a verdade.

Castro Soromenho

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

res do que aquela, obras agravadas pela pedanteria pires que as cerca. Esses mesmos cavalheiros aplaudiram? Quantas obras insignificantes e o «Estandarte» pôde ser tudo, menos «insignificante»—não passaram, sem escandalo?

E tudo porquê? Porque Antonio Ferro triunfou; tem um grande jornal onde es-

creve e onde expõe, a diario, o seu talento; porque viaja por esse mundo fóra, porque... é feliz ou o julgam feliz. Dizem: mas ele não é digno d'esse triunfo, dessa ventura! Ele conquistou o seu logar á força de habilidade e não de talento!

Em Portugal parte-se sempre deste principio dogmatico: o fracassado—foi vencido, porque é vitima de uma injustiça cruel; o vencedor—triunfou—porque... por qualquer coisa, menos porque era o resultado logico do seu valor. Mas, se por acaso, os fracassados que assim falam, não tivessem nunca tentado guindar-se pelos processos de que accusam Antonio Ferro—a sua accusação podia ser caluniosa, mas era tambem logica! Mas se eles, com raras excepções, descer um a tudo, para poderem subir e se não o conseguiram foi porque não possuíam nem isso—nem qualidades de luta!

(1) sintoma mais alarmante d'este triste drama drama da ciuemeira mesquinha, do despeito vesgo, da inveja indigna, do odio sem nobreza,—é que ele não se limita a um caso, a um homem, a uma vida: generalisa e, envolve todos os que têm energia combativa, ameaça todos os que não se resignam, como eles se resignaram, á mediania, á insipidez, á sonolencia—deixando o pais sob o risco de se inutilizarem, pela intoxicação moral, todos os que ainda representam acção, força de vontade, ancia criadora, sede de voo...

Que triste geração esta em que só os impotentes, os amemicos, os indiferentes, os sunambulos, os estereis, os fracassados dominam, orientam e têm o direito... á vitoria.

Reporter X

Al-Capone já existiu, em 1880 e... em Chicago

(Conclusão da página 3)

seu bando, não tendo conta os agentes e detetives que ficaram para sempre sob as suas balas e as balas dos seus homens. Al-Capone, o famoso «Rei do Crime» que domina e apavora os Estados-Unidos—não é mais do que uma macaqueação inferior de Richard Peggy—mas são tantos e tão extraordinarios os pontos de contacto entre um e outro—que bem se pôde repetir: *Nada existe de novo sobre o mundo!* Peggy chefiava uma quadrilha de centenas de apaches—mas tambem lhe obedeciam banqueiros, altas individualidades da politica—chegando a constituir, tal como Al-Capone, uma força eleitoral. Os seus crimes, as suas audacias não têm conta! A gravura que ilustra esta noticia—foi publicada por um jornal ilustrado de Chicago, em 18 de maio de 1880 e reconstitue algumas das suas recentes façanhas.

Auto Estefania Stand

Venda e troca de Automoveis uzados

Telefone, 3134

Rua Alexandre Braga, 27

Lisboa

Uma camionette para dois...

Uma transação lamentavel da «General Motors»

O radio que a nossa «T. S. F. ... X» interceptou ha tres semanas a proposito de uma das muitas transações humilhantes que certa companhia estrangeira realizou no nosso paiz—provocou, como era natural, rubre celeuma não só nos meios automobilísticos, como... nessa fauna de sem-filistas inteligentes que lê sofregamente, os nossos concertos. As iniciaes do *trust* em fóco excitou a curiosidade a uns—e inspirou a duvida a outros; «Se é a organização que nós pensamos—diziam estes ultimos—deve haver erro de informação. O «Reporter X» deve estar mal ilucidado! A. S... M... não pode ter feito uma... (empregavam as palavras burla;—eles e não nós...).»

Ora se o «Reporter X» se orgulha de possuir alguma fantasia, que considera valor artistico, em geral literario e jornalista em especial—não pode nunca admitir uma duvida sobre a veracidade total, integra dos seus artigos quando se trata duma accusação ou duma declaração grave.

Neste terreno sobrepõe-se ao seu amor proprio literario a sua dignidade de jornalista, e a sua consciencia de homem—por que o «Reporter X» é dos que não compreendem a dupla consciencia—uma para a vida particula, outra para a profissão! Portanto não sendo tenção sua prosapiar no assunto, resolve ir até ao remate definitivo desta lamentavel attitude do *trust* americano, publicando no proximo numero revelações escandalosas chanceladas pelos graficos que não podem deixar duvidar nos mais incredulos—e declarando desde já que a firma peccadora é a famosa «General Motors».

A vida íntima dos artistas

Não é a primeira vez que protestamos contra a exhibição publica da vida dos artistas. Existe um casal, que ha um ano se separou, sem provocar escandalo, sem barulheira, sem attitudes ridiculas. Pois bem: esse casal tem sido uma victima dos «potins» de certos jornais. Ainda ha pouco, sabendo que iria fazer sangrar feridas que se estavam sarando, deram a noticia falsa... da sua reconciliação. E' cruel, é grosseiro—e sobretudo revela sentimentos mesquinhos. Houve tambem, entre gente de teatro um casal... casado, que se separou com escandalo publico; que provocaram frases que ficaram: casal que depois, com maior escandalo ainda se... se conciliou em scena—e na vida—sem que os autores dos «potins» se servissem d'esse pretexto para bordarem das suas graçolas. Porque? Porque essa diferença?

CHIAP



10

DEPURATOL

SOBERANO
REMEDIO DA
SIFILIS



**TUBO
10\$00**

Aprovado
no estrangeiro
por Juntas de Saude
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta
nem resguardo**